

Com uma perna na serra e outra no Litoral: um estudo de caso sobre os jovens de Cachopo (Serra do Caldeirão)

Teresa Custódio (*Câmara Municipal de Tavira*)

Vanessa Duarte de Sousa (*Associação In Loco*)

Palavras-chave:

Juventude; Desenvolvimento Rural; Investigação-Acção

Introdução

Esta comunicação visa apresentar reflexões sobre o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido em Cachopo, resultado de uma parceria entre a Associação In Loco e Câmara Municipal de Tavira, financiado pela Iniciativa Comunitária Leader +.

O recente encerramento das actividades programadas, entrevistas e fóruns não permitiu a realização de uma análise de conteúdo formal. Desta forma, a presente reflexão pretende abordar aspectos relativos ao contexto e conteúdo do projecto em curso.

Trata-se de um estudo que, adoptando uma metodologia de investigação-acção, visa por um lado, estabelecer um diagnóstico exaustivo assente na análise das redes de sociabilidade dos jovens, nas perspectivas futuras de habitação, inserção profissional e formação/educação, assim como nas visões que têm acerca do desenvolvimento do território de inserção. Por outro lado, outra das componentes do estudo engloba uma componente de acção – que será continuada para além da componente prevista de estudo – que se traduzirá na realização de um conjunto acções detalhadas destinadas aos jovens que manifestaram interesse em desenvolver projectos.

De modo sintético este estudo procura responder às seguintes questões: O que leva os jovens a abandonarem progressivamente a freguesia de Cachopo? Que estratégias e acções/programas podem ser implementados para promover a sua fixação no local?

Uma questão de contexto. Cachopo como o exemplo das assimetrias demográficas do país...

É do conhecimento geral que as assimetrias demográficas no país – a dicotomia litoral/interior – têm dado origem a debates constantes no domínio dos processos de desenvolvimento regional na esfera pública e privada. São visíveis esforços para colmatar necessidades de infra-estruturas, estradas, centros de saúde, infantários, escolas, associações locais, actividades culturais, entre outros. Contudo, esse desempenho não parece suficientemente eficaz uma vez que ao nível nacional, se mantêm indicadores pouco positivos.

A Serra do Caldeirão é bem exemplificativa dessa tendência. Por mais esforços que sejam empreendidos continuam a verificar-se as tendências típicas generalizáveis a todo esse mesmo espaço interior: um envelhecimento acentuado da população, a que se associa um abandono continuado da população jovem desse espaço. As características demográficas deste território vão progressivamente detendo impactes nas formas de usos do espaço, com um lento mas progressivo abandono da actividade agrícola, com uma perda gradual da dinâmica económica, em paralelo com a emergência ainda muito tímida de novos residentes (essencialmente estrangeiros), cujas referências identitárias e culturais são bem distintas daquelas ainda existentes. O fenómeno da multiculturalidade, com todas as suas consequências negativas e positivas, passará a ser um mote na agenda da intervenção na Serra nos próximos anos.

De forma a dar resposta às características e problemas emergentes nestes contextos a intervenção pública e privada de carácter social tem vindo a actuar ao nível da melhoria da qualidade de vida na 3ª idade, com o crescente surgimento de serviços de apoio a esta população. Tal não permite contrariar as tendências demográficas, se bem que tem possibilitado um aumento da

qualidade de vida dessa população. Interessa perceber quais as possíveis causas desse progressivo envelhecimento. Uma das causas de envelhecimento é, sem dúvida, o abandono do espaço por parte do público jovem. Se o abandono permanecer, a consequência directa revela-se na incapacidade de renovação da população, actualmente visível, que no longo prazo pode conduzir ao fim de algumas comunidades rurais. Tais casos já são visíveis nalgumas aldeias do país, se bem que tal risco não pareça ainda ser evidente na freguesia sobre a qual incide este trabalho, Cachopo.

A freguesia de Cachopo é um dos exemplos dos contextos rurais do país que apresenta alguns indicadores de risco sobre os quais emerge essa necessidade de uma intervenção preventiva. Se bem que se caracterize por uma perda constante de população nas últimas décadas, detém algumas características que cabe potenciar e rentabilizar. É visível uma dinâmica institucional e uma referência identitária sólida que faz com que os locais procurem lançar iniciativas de promoção sócio-cultural, algumas iniciativas de carácter económico com raízes nas características tradicionais da freguesia, potenciando a valorização dos recursos endógenos existentes, relevando igualmente um trabalho de apoio social quer ao público idoso quer infantil.

Se bem que representando 32% da área do concelho, não tem equivalente em termos demográficos, apresentando a freguesia de Cachopo apenas 4,1% da população total concelhia. A estrutura demográfica do concelho revela uma capacidade de rejuvenescimento que não tem equivalente na freguesia em análise. As características da pirâmide etária de Cachopo revelam um envelhecimento acentuado quer na base quer no topo, com um peso maioritário da população com mais de 65 anos (50% do total da população), e um peso reduzido de população com menos de 30 anos. Em 2001, o peso da população inserida neste grupo etário representava 14% do total da população residente. A população com mais de 65 anos era dez vezes superior à população com menos de 15 anos.

Não é, então, difícil assumir que há um grupo de risco de abandono da freguesia sobre o qual urge dar respostas que possibilitem a sua permanência no local. Esse grupo situa-se nos jovens com idades entre os 15 e 30 anos. Em

2001, os jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 30 anos perfaziam um total de 97, representando cerca de 9% da população de Cachopo.

O litoral continua a ser atractivo em várias vertentes: quer como pólo habitacional, qualificacional, de dinamização sócio-cultural e de inserção profissional. Não podendo inverter esse carácter 'apetecível' do litoral e de outros pólos urbanos do país, cabe reflectir sobre as possibilidades de desenho do futuro destes jovens que passe pela vida na freguesia.

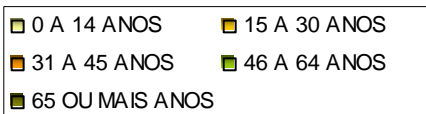
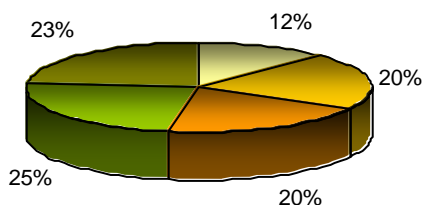
Quadro 1. Estrutura etária da população de Tavira e Cachopo, 2001

	TAVIRA			CACHOPO		
	HM	H	M	HM	H	M
0 A 14 ANOS	3.121	1.579	1.542	50	27	23
15 A 30 ANOS	5.108	2.668	2.440	97	56	41
31 A 45 ANOS	4.945	2.563	2.382	88	42	46
46 A 64 ANOS	5.977	2.961	3.016	273	128	145
65 OU MAIS ANOS	5.846	2.709	3.137	518	261	257
TOTAL	24.997	12.480	12.517	1.026	514	512

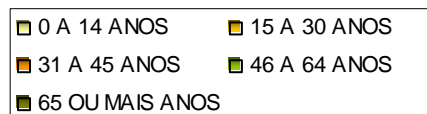
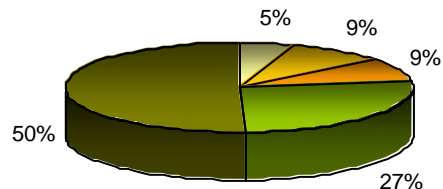
Fonte: INE- Censos 2001

Gráfico 1 e 2. Estrutura etária da população de Tavira e Cachopo, 2001

Estrutura Etária da População do Concelho de Tavira



Estrutura Etária da População da Freguesia de Cachopo



Fonte: INE- Censos 2001

O processo de investigação-acção: a procura de envolvimento dos jovens na construção do(s) seu(s) projecto(s)

A intervenção sócio-territorial é mediada por um conjunto de variáveis complexas que interferem no seu sucesso e na sua capacidade de empreender mudanças visíveis e impactes de longo prazo. Procurar empreender projectos que resultem do pensamento dos técnicos, dos decisores, dos investigadores, já deu mostras das suas limitações no que respeita à apropriação dos processos por parte dos públicos a que se destinam.

O estudo sobre a situação dos jovens de Cachopo adoptou a lógica dos públicos para a intervenção e não o inverso. Procurou-se – pese embora com algumas dificuldades – que fossem os jovens a reflectir sobre o seu futuro e o da freguesia, assim como a desempenharem um papel dinâmico em termos da intervenção no território de modo a contribuir para a sua fixação.

Para tal optou-se, em primeiro lugar, pela sinalização do total dos jovens residentes na freguesia, de modo a que se iniciasse o seu envolvimento no projecto e para que se pudesse conhecer melhor o público com que se iria trabalhar. Esta fase foi fulcral na medida em que o contacto de terreno conduziu à necessidade de reformulação do público-alvo do projecto. Muitos dos jovens sinalizados, apesar de se identificarem como residentes e com origem em Cachopo já não residiam na freguesia, pois apenas voltam aos fins-de-semana e nos períodos de férias. A partir desse momento passou a incluir-se uma outra variável que procurasse distinguir os jovens residentes apenas ao fim-de-semana e aqueles considerados como residentes habituais. O trabalho envolvendo estes dois tipos de residentes poderia dar algumas respostas às questões colocadas à partida.

Essa fase possibilitou, igualmente, uma maior aproximação aos jovens e daí deduzir os elementos de análise a incluir nas entrevistas que lhes iriam ser realizadas. Procurou-se realizar entrevistas a todos os jovens independentemente do seu tipo de residência. Optou-se, preferencialmente, pela realização de entrevistas ao fim de semana pois era o período em que mais facilmente poderiam ser encontrados.

Este projecto mostrou – o que não é propriamente um factor inovador – a necessidade dos técnicos se adaptarem aos contextos de intervenção e não o oposto como muitas vezes acontece. ‘Nós éramos como que intrusos’ que tínhamos de nos moldar às suas disponibilidades e às suas prioridades. Esta dimensão informal era um dos elementos que a equipa queria manter. Tornava-se fundamental criar empatia junto dos jovens e partilhar com eles momentos de lazer e de repouso. O seu envolvimento no projecto passava igualmente pelo descentramento face aos seus objectivos – tínhamos de ‘dar um pouco de nós’ para que os jovens se sentissem à vontade para nos fornecerem as informações necessárias ao aprofundamento do diagnóstico inicial e para participarem de forma mais activa no projecto.

Passámos fins-de-semana na Serra, junto destes jovens realizando entrevistas às horas mais diversas, nos locais onde estavam disponíveis (fosse em casa, no café, na rua, na piscina, etc.).

Passada essa fase de conhecimento mútuo, de reconhecimento, por parte dos jovens, dos objectivos do trabalho que estava a ser desenvolvido, estavam criadas as condições para o lançamento de espaços de reflexão colectiva que incitassem a acção futura sobre o território e sobre os projectos individuais de cada um.

O estudo tinha prevista a realização de 4 fóruns de discussão com os jovens, pese embora o seu modelo tenha sido desenhado em função dos resultados que iam obtendo e do trabalho que ia sendo realizado. Os temas decorreram das suas propostas se bem que tendo sempre por base que estes espaços deveriam ter uma componente didáctica/ de aprendizagem e de acção.

No fundo, tratava-se de se criarem as condições de acesso à informação necessária para dar resposta aos problemas colocados pelos jovens procurando, em simultâneo, incitá-los a desenvolverem acções para a freguesia e para si próprios.

No primeiro fórum, de âmbito genérico, em que se procuravam apresentar e discutir alguns dos resultados preliminares do estudo, a participação foi muito positiva. Os jovens fizeram propostas, mas poucas foram as que eles se

responsabilizavam para a sua implementação. Ficou claro, a partir desse primeiro encontro, que permanecia neste público a visão de que a resolução dos problemas locais passava, quase que exclusivamente, pelos decisores políticos. Este é um dos problemas com que lidamos quando queremos fazer participar os públicos e que não nos parece ser exclusivo dos jovens. Habitados a terem um papel residual ou mesmo inexistente no desenho de políticas e programas de intervenção de base local, dificilmente reconhecem responsabilidade na mudança dos seus territórios.

Parte importante dos jovens que participaram nesse primeiro encontro eram residentes de fim-de-semana e, se bem que preocupados com a melhoria das condições e da qualidade de vida da população da sua terra de origem, a sua atenção era mais voltada para aqueles que ainda permanecem na freguesia, do que para si próprios.

Os fóruns que se seguiram eram orientados para temáticas consideradas prioritárias em termos de intervenção por parte dos jovens, a saber: i) Habitação; ii) Emprego e Actividades Económicas; iii) Actividades Culturais e de Lazer. Com a apresentação de tais temas pretendia a equipa do projecto fornecer as informações fundamentais aos jovens para que soubessem de mecanismos de apoio à construção de habitação, de criação e de acesso ao emprego e de dinamização de actividades sócio-culturais locais. Prestando essas informações estariam criadas as condições para que os jovens pudessem projectar intervenções.

O facto de muitos destes jovens não idealizarem um futuro na aldeia poderá estar na origem da diminuição da participação nos dois fóruns que se seguiram e na necessidade de cancelar o último por falta de inscrições. Não se pode dizer que a diminuição da participação tenha equivalente em termos dos resultados dos debates empreendidos – pelo contrário, foram bastante ricos e os jovens que neles participaram manifestaram grande satisfação pelas informações prestadas. O problema parece-nos estar, mais uma vez, na falta de preparação para a acção. Agora estão pensadas novas estratégias e o passo seguinte será o de – a partir de uma análise aprofundada dos discursos de cada um dos jovens, fornecido através das entrevistas e dos contactos com

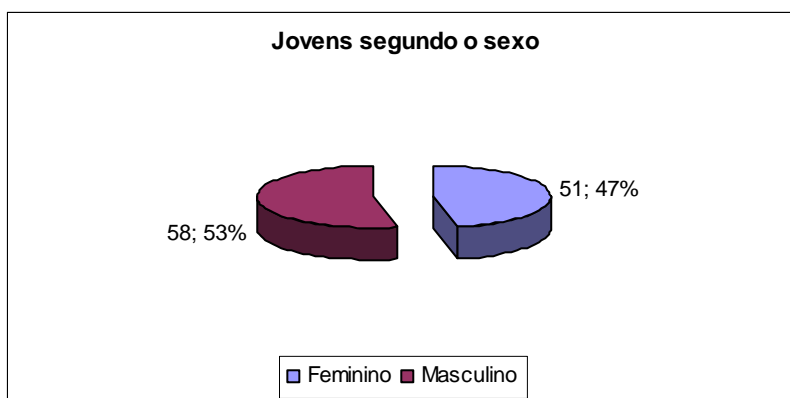
eles realizados – realizar um acompanhamento individualizado de modo a procurar condições para que os jovens possam manter-se na freguesia apoiando-os na realização de projectos, criando as condições necessárias para que possam vir a construir ou melhorar habitação, etc.

A importância dos que estão e dos que voltam: fortes redes de sociabilidade e de referência identitária local

Em Cachopo identificaram-se 109 jovens, dos quais 58 são do sexo masculino e os restantes do sexo feminino. Pouco mais de metade dos jovens é residente habitual (56, o que representa 51,4%), se bem que parte destes pode estar em risco de abandono da freguesia, quer por motivos de continuidade dos estudos pós-secundário, quer pela necessidade de procura de ofertas de emprego que não encontram localmente.

Se considerarmos os dados dos Censos de 2001, que apresentavam um número de 97 jovens a viver na freguesia – e mesmo considerando que do ponto de vista metodológico se tenham assumido os jovens a estudar no ensino superior como residentes (que contabilizámos apenas 3) – verifica-se uma diminuição bastante significativa dos jovens residentes (uma perda de cerca de 39% dos jovens em apenas 2 anos). Durante o período em que procedemos ao trabalho de campo (de Maio de 2002 a Junho de 2003) registámos o abandono de 4 jovens (dois dos quais formavam um jovem casal à espera do primeiro filho). Estes dados servem apenas de ilustração da situação de perda de população de uma freguesia já de si bastante envelhecida e para a qual urge tomar medidas que travem estas tendências.

Gráfico 3.



Fonte: Própria

Refira-se que são, igualmente, os mais jovens que permanecem maioritariamente a viver na freguesia – muitos desses jovens ainda estão a estudar. Dos que já não estudam, muitos ainda permanecerão na freguesia porque ainda estão dependentes dos familiares ou porque ainda não têm família constituída. Neste último caso, o casamento ou união com um(a) jovem de fora da freguesia pode ser um motivo ‘fácil’ para abandono de Cachopo.

Quadro 2. Jovens segundo o tipo de residência e idade

Idades	Fins de Semana	Habitual	TOTAL
15		3	3
16	3	3	6
17		6	6
18	2	10	12
19		3	3
20	1		1
21	7	2	9
22	1	2	3
23	1	1	2
24	2	1	3
25	6	2	8
26	2	4	6
27	2	1	3
28	3		3
29	3	2	5
30	3	5	8
31	1		1
TOTAL	37	45	82

Fonte: Própria

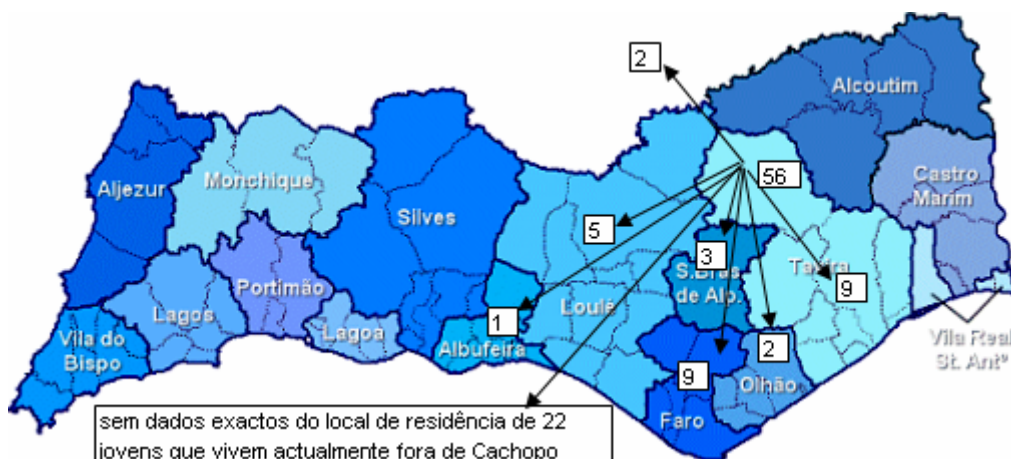
Os jovens mantêm redes de amizade fortes entre si. Os que vivem fora regressam, normalmente, todos os fins-de-semana e passam os períodos de férias na freguesia. Os que vivem na freguesia aí se mantêm durante o fim-de-semana (a maioria).

As práticas culturais e de lazer dos jovens conjugam actividades que se relacionam, em simultâneo, com o rural e o urbano. Facilmente encontramos jovens que à tarde estarão a actuar no rancho local, como à noite estão a jogar snooker e a sair para as discotecas e bares.

É a presença da maioria dos jovens aos fins-de-semana que fará com que os residentes habituais não procurem, na sua maioria, actividades de lazer fora da freguesia, com excepção das situações em que o fazem em grupo – seja nas saídas à noite, ou noutras situações como idas à praia (durante o Verão), assistência e participação em jogos de futebol, e actuações do grupo de cantares e do rancho. Encontram-se nos vários cafés e saem, muitas vezes, juntos para fora da freguesia (São Brás de Alportel e Castro Verde).

Se a perda de jovens da freguesia ainda não é tão sentida, tal ficar-se-á a dever ao facto dos jovens manterem uma forte referência identitária (orgulho em ser de Cachopo e de ter origens serranas) e terem fortes redes de sociabilidade entre si. Curiosamente, os jovens que abandonam a freguesia não o fazem – na sua maioria – para locais muito distantes. Os que trabalham e estudam fora procuram concelhos do Litoral, onde essas ofertas existem, podendo manter proximidade face à sua terra de origem. Destacam-se Faro e Tavira como os locais preferenciais de residência destes jovens que correspondem, igualmente, aos seus locais de estudo (especialmente a Universidade do Algarve) e de trabalho.

Mapa 1. Local de residência dos jovens com origem em Cachopo



Fonte: Própria (mapa extraído do site da CCDR Algarve)

A escolarização crescente como uma variável com forte influência no abandono da freguesia, a par da procura de ‘uma vida melhor!’

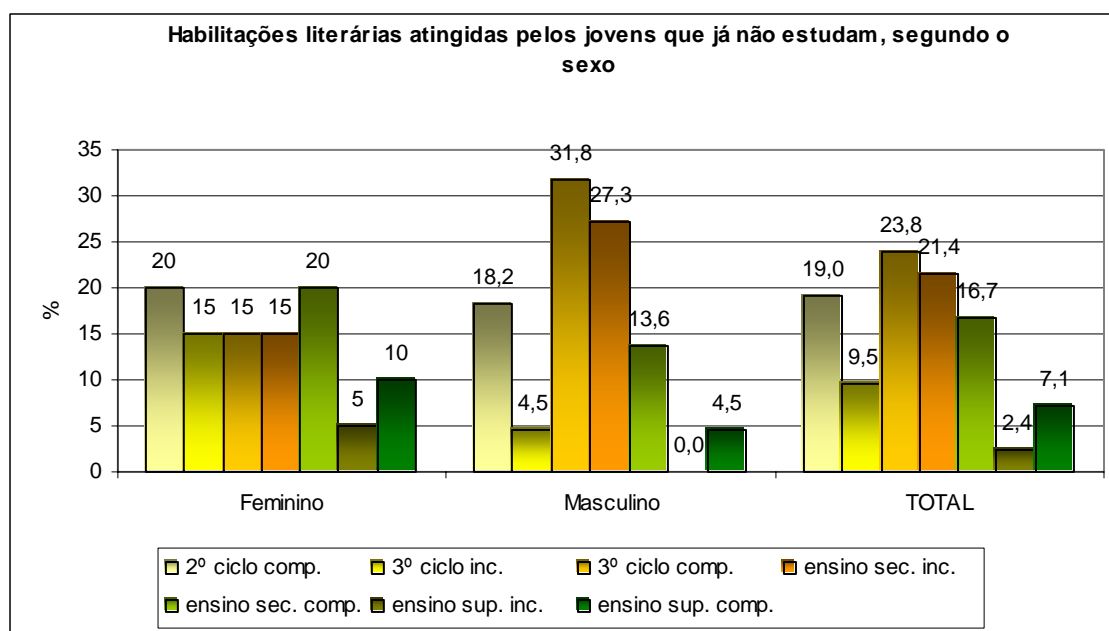
Se são perceptíveis as razões pelas quais alguns jovens ainda permanecem em Cachopo ou aí decidem voltar, várias são as que os levarão a abandonar a freguesia. As características destes jovens são bem diferenciadas daquelas que caracterizavam os seus pais. Os seus agregados familiares eram, essencialmente, dependentes da actividade agrícola. Essa é uma actividade não valorizada pelos jovens, sendo que os seus percursos foram orientados para a procura de um trabalho na cidade, preferencialmente ‘estável’, tentando ter ‘uma vida melhor’ do que a dos seus pais. Não querendo discutir o conceito de qualidade de vida, é certo que a vida na cidade ou em centros urbanos é entendida como lugar de oportunidades que não são encontrados na serra. Muitos dos jovens que permanecem na freguesia, apesar de apreciarem viver em Cachopo consideram que não existem oportunidades de emprego locais, a vida na aldeia é pouco dinâmica e que na cidade podem ter tudo o que almejam.

Curiosamente, a visão de muitos dos jovens que já saíram da freguesia aponta para uma maior valorização da qualidade de vida local comparativamente com a opinião que tinham antes de ir viver para fora. Hoje, procuram na aldeia o repouso que não conseguem ter na cidade, procuram os laços que aí não

encontram. Poucos são aqueles em que a ocupação de fim-de-semana é mais tentadora na cidade do que na aldeia, o que os faz estarem com assiduidade nessa altura da semana em Cachopo. Se os jovens que ainda permanecem em Cachopo têm uma visão fatalista face ao futuro na aldeia, muitos dos que já estão a viver fora não colocam de parte a ideia de um dia aí regressarem. O trabalho parece ser, no entanto, a variável determinante para a permanência fora da freguesia.

A estes jovens foram-lhes dadas outras oportunidades não tidas pelos seus pais: sendo uma fundamental – a de darem continuidade aos seus estudos. Mais de 47% dos jovens que já não estudam atingiram acima da Escolaridade Mínima Obrigatória e 9,5% frequentou ou concluiu o ensino superior. As raparigas atingiram níveis de escolaridade superiores aos dos rapazes, se bem que 20% tenha apenas o 2º ciclo de ensino.

Gráfico 4.



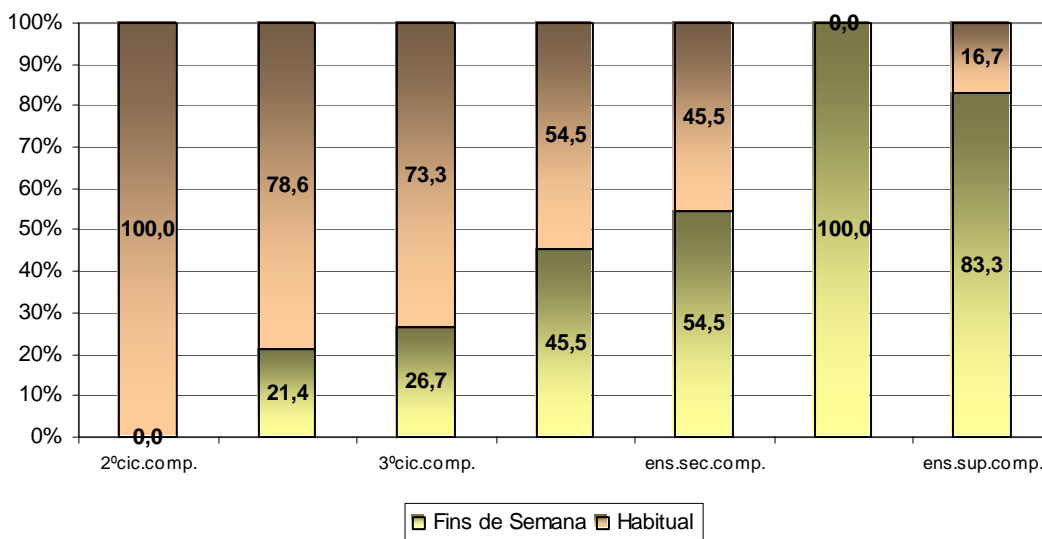
A relação entre o nível de escolaridade atingido e o tipo de residência dos jovens é inequívoca. À medida que aumentam os seus níveis de escolaridade aumenta a tendência para abandonarem a freguesia. Tal tem uma justificação relativamente simples: se há algum trabalho local esse é, maioritariamente, de carácter desqualificado e o lugar no mercado de trabalho faz-se,

consequentemente, fora da freguesia. A sua inserção local só se faria se tivessem iniciativa para lançarem as suas próprias actividades ou se fossem criadas oportunidades locais. No conjunto dos jovens inquiridos são pontuais os casos em que exercem actividade por conta própria. As situações mais frequentes são os trabalhos a termo certo ou sem termo. Actualmente, as oportunidades locais existentes são bastante escassas, pese embora ocupem alguns dos jovens residentes – caso do Centro Paroquial, Junta de Freguesia, Correios, Museu e a Associação de Produtores Florestais.

Muitos dos jovens referiram que um dos problemas está nos difíceis acessos à freguesia. Curiosamente, na fase de entrevista quando questionados acerca da avaliação do percurso que tinham de fazer para fora da aldeia todos diziam estar habituados e que hoje em dia as estradas estão em muito melhores condições do que há uns anos atrás. Tal faz-nos concluir que não serão melhores acessos que poderão provocar uma maior fixação local.

Gráfico 5.

Jovens segundo o tipo de residência e níveis de habilitações literárias

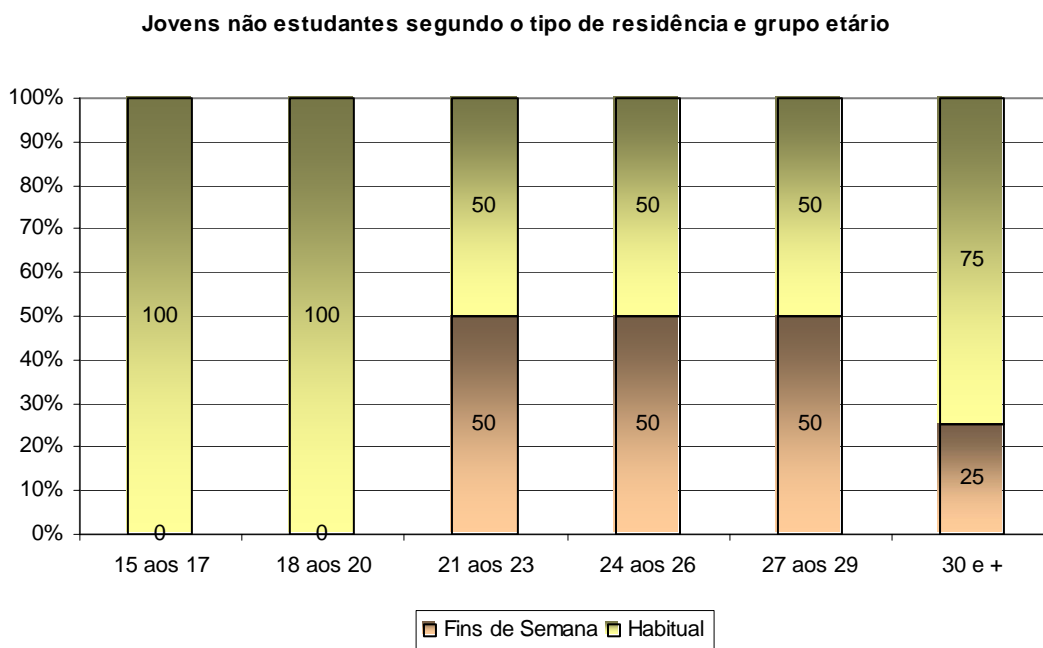


Fonte: Própria

Sendo a situação de estudante um motivo de continuidade de residência na aldeia, após a conclusão ou abandono dos estudos os jovens enfrentam o mercado de trabalho. Procurando analisar quais os grupos etários onde se faz

mais sentir o abandono, complementou-se com a situação de não estudante. Até aos 20 anos todos os jovens não estudantes permanecem a residir na freguesia. No entanto, no grupo entre os 21 e os 29 anos, metade dos jovens já só regressa à aldeia aos fins-de-semana. Este parece ser o grupo etário de 'risco', tornando-se fundamental o trabalho com os jovens dessa idade que ainda permanecem em Cachopo e daqueles que detêm menos de 20 anos, como forma de prevenir o abandono da freguesia.

Gráfico 6.



Fonte: Própria

Um dos problemas com que nos deparamos diz respeito à dispersão geográfica dos jovens pelos vários montes da freguesia. Tal dispersão fará com que o isolamento seja mais sentido, funcionando como um mote para sair de Cachopo. Não tendo com quem socializar dentro do mesmo grupo etário, fácil se torna para alguns dos jovens pensarem num futuro que passe fora do seu contexto de origem.

Refira-se, a título exemplificativo que, na altura em que foi feita a inquirição aos jovens, em três dos montes já não residiam jovens (Cabeça Gorda, Casas Baixas e Fonte Corcho – esta última perdeu as suas jovens ainda durante o nosso trabalho de campo) e nos restantes montes mais isolados são poucos os jovens que ainda permanecem. O centro da aldeia de Cachopo, os Relvais e o Vale João Farto são os locais onde permanecem mais jovens se bem que já tenham perdido mais de metade da sua população jovem. Os Currais, um monte em que residiam 14 jovens, já só permanecem 3. Parte importante dos jovens que ainda permanecem na freguesia (24 dos 56) são ainda estudantes, pelo que o seu futuro está ainda em aberto, mas sendo de esperar face às restantes tendências registadas que grande parte venha a abandonar a freguesia assim que terminem os seus estudos.

Quadro 3. Jovens segundo o monte de origem e tipo de residência

	Fins de Semana		Habitual		TOTAL
		TOTAL	Nº estudantes		
Alcaria do Cume		1	1		1
Alcarias Baixas		1	1		1
Azinhosa	1	2			3
Benafior		1			1
Cabeça Gorda	1				1
Cachopo	19	18	8		37
Carne de serva		2	1		2
Casas Baixas	1				1
Currais	11	3	2		14
Feiteira		3	2		3
Fonte Corcho	2				2
Garrobo		1	1		1
Grainho		3	2		3
Medronheira	2	1			3
Mercador	1	3			4
Monte da Ribeira	2	2	1		4
Portela	1	2	1		3
Pulo de Cão	1	2			3
Relvais	4	5	1		9
Vale de Odres		1			1
Vale João Farto	7	4	2		11
Valeira		1	1		1
TOTAL	53	56	24		109

Fonte: Própria

Algumas notas conclusivas: os dilemas que enfrentam os territórios mais deprimidos

Um dos factores interessantes deste trabalho, ao nível da pesquisa em curso diz respeito à possibilidade de podermos estar a analisar um processo de desertificação ainda em curso. Muito já se tem falado de contextos onde já não restam jovens, de outros onde o futuro de aldeias há muito está comprometido. Cachopo é uma freguesia com índice de envelhecimento arrepiante mas que ainda tem jovens. Mais do que isso, tratam-se de jovens que se mantêm ligados entre si, os que estão fora passam frequentemente os fins-de-semana na freguesia. Há, portanto, dinâmicas locais que têm de ser potenciadas e ainda estamos em condições, senão de inverter este processo, pelo menos de travar o contínuo abandono dos jovens desta aldeia, considerada uma das mais típicas do Algarve.

O aspecto chave deste estudo está na existência de uma clara vontade política em mudar esta situação. Todo este trabalho tem sido desenvolvido desde o início em contacto estreito com o Presidente da Câmara Municipal de Tavira que tem participado activamente em todos os fóruns com os jovens, incitando-os a ficar a viver na freguesia e dando resposta directa aos problemas colocados pelos jovens. Talvez fosse isto que os jovens não esperavam. Talvez também por isso a sua participação nos encontros tenha diminuído – afinal o seu Presidente estava presente, dava atenção às questões colocadas, e, mais do que isso, criou condições para que os jovens permaneçam na freguesia e provocou-os para criarem as suas próprias actividades económicas locais. Afinal não era mais um daqueles estudos que se fazem só para ‘encher estantes’, mas para isto também não estavam preparados! A presença do Presidente foi fundamental e reconhecida por todos os jovens – afinal não é todos os dias que se tem um Presidente de Câmara a discutir problemas com os jovens de uma aldeia ‘perdida’ no meio da Serra.

No primeiro encontro, que envolveu questões que abrangiam diversas áreas de intervenção, o Presidente deu conta dos projectos pensados para a freguesia e procurou dar resposta aos problemas colocados pelos jovens. No fórum de Habitação, contou-se com a presença de um elemento da Câmara Municipal

que prestou informações sobre as possibilidades de construção à luz do PDM e com a presença de dois elementos de Cooperativas de Habitação que deram informações sobre o modo de construir habitação a preços mais baixos. O Presidente da Câmara ofereceu o terreno com todas as infra-estruturas incluídas para os jovens que quisessem constituir a cooperativa. No terceiro fórum submetido ao tema de 'Emprego e Actividades Económicas' contou-se com a presença de dirigentes da estrutura regional do IEFP e dos Centros de Emprego de Faro e de Vila Real de Santo António, assim como do Centro Distrital do ISSS. Para além destas presenças ainda se contou com o contributo fundamental de dois jovens que contaram a sua experiência de trabalho na Serra.

Para além de todo este trabalho, a equipa do projecto ainda constituiu um dossier com toda a informação sobre programas e projectos de apoio à juventude, incluindo, em particular, legislação para a constituição de cooperativas de habitação, informação sobre incentivos de apoio à constituição de iniciativas de auto-emprego, etc.

Parecem-nos terem sido criadas todas as condições para que os jovens possam avançar para um projecto futuro de vida na aldeia. Mas até agora não são visíveis resultados. É certo que ainda passou muito pouco tempo, mas também acreditamos que a não continuar um trabalho de acompanhamento junto destes jovens facilmente esquecem o que foi feito ao longo deste ano e meio de estudo. Mas, por outro lado, temos noção de que os encontros realizados vieram dar conta de possibilidades futuras que vão no sentido inverso do que muitos projectaram para si. Vimos alguns destes jovens expectantes mas 'assustados', porque perante o seu Presidente estavam a ter um compromisso que muitos não sabem se serão capazes de cumprir.

Este poderia ser um trabalho desenvolvido em qualquer contexto rural do país em situação de perda continuada de população. Infelizmente, as consequências de um contínuo processo de litoralização das actividades económicas tem conduzido ao progressivo abandono dos nossos espaços rurais de interior. Em Cachopo acreditamos ainda ser possível mudar esse panorama. O que concluímos deste trabalho é que não bastam políticas. Neste

contexto foram dadas as informações e as condições que qualquer jovem necessitaria para poder fazer a sua vida localmente. E tal parece-nos ainda não ser suficiente. É preciso vontades nos próprios jovens. É preciso dar continuidade a este trabalho, pese embora sejam escassos os financiamentos que consigam assegurar uma equipa de terreno a fazer esse acompanhamento individualizado necessário.

A permanecerem estas tendências vislumbram-se alguns cenários possíveis:

- o contínuo abandono da freguesia por parte dos jovens locais sem que haja retorno ou repovoamento por outros – seria este o cenário mais pessimista;
- abandono compensado pela emergência de projectos turísticos de interior, que provocarão o aumento da especulação imobiliária e eventual absorção de mão-de-obra local para profissões pouco qualificadas – sendo este um cenário a ponderar face à evolução da situação do turismo na região, se bem que uma hipótese de longo prazo.

Continua a ser nossa vontade de trabalhar na efectivação de um cenário intermédio: que possibilitasse a fixação dos jovens locais através da criação de pequenas iniciativas económicas algumas até ligadas ao sector turístico potenciando o que existe localmente, mas que fossem estes jovens os seus impulsionadores. São precisos recursos, mas mais do que isso são precisas vontades e essas só os próprios jovens poderão ter!